

originalmente publicada sob o título
agir dans l'urgence, décider dans l'incertitude

éditeur, Paris, 1999
7101 1350 3

estúdio

ação do original

Lúcia Barbára

1 final

revela Rosa dos Santos

revisão editorial

1 Bailejo Canto

o gráfico

ação eletrônica

o Vieira – Armazém Digital

todos os direitos de publicação em língua portuguesa à
ED® EDITORA LTDA.

rônimo de Ornelas, 670 — Fone (51) 3330-3444 Fax (51) 3330-2378
1-340 Porto Alegre, RS, Brasil

AULO

rancisco Leitão, 146 — Pinheiros
,11) 3083-6160

1-020 São Paulo, SP, Brasil

ESSO NO BRASIL
ED IN BRAZIL

Prefácio à Edição Brasileira

Mais uma vez, dispomos de um livro de Philippe Perrenoud sobre a importância do desenvolvimento de competências para ensinar. O impacto de suas análises começa com a surpresa do título – *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza* – e continua com a boa escolha dos temas que compõem sua coletânea. Em resumo, trata-se de mais um livro que vale a pena ler e usar como referência e fundamento para uma reflexão sobre as características atuais de nossa profissão.

AGIR NA URGÊNCIA

À primeira vista, pode parecer estranho definir ensinar como agir na urgência: afinal, os professores estudam, preparam suas aulas, participam do planejamento escolar, esforçam-se por antecipar ou prever as situações de aprendizagem, buscam trabalhar em um contexto organizado e, até onde possível, disciplinado. Qual o sentido, então, do ensinar como agir na urgência? O presente livro fornece muitos significados para a atualidade desse desafio, agora proposto para todos nós. Dos diversos significados, comentarei, a meu modo, alguns deles.

A escola e a sala de aula tornaram-se um sistema de ensino complexo. Por que sistema? Por que sistema complexo? Sistema, porque a escola compõe um recorte da vida social e cultural de todos nós. Como recorte, deve poder organizar de modo próprio seus saberes a ensinar, regras, linguagens, costumes e metas com a condição de continuar expressando-se e interagindo com o todo do qual faz parte. Ou seja, a escola de hoje não pode mais se pensar isolada, seletiva, apartada da vida “lá fora”, pois seu

o “lá fora” são partes de um mesmo contínuo e expressam o de posições e o colorido do que podemos ser na diversidade dos locais e lugares de nossa existência. Sistema complexo, porque a escola é um espaço de antagonismos e presença – nem sempre coerente – de diversos fatores, que teimam uns em vencer à custa dos outros, esquecidos ou fazem parte de um mesmo sistema. A complexidade refere-se ao que não pode ser simplificado, isto é, reduzido a partes tratadas como independentes umas das outras. Em nossa forma anterior de escola, isso era possível: podíamos selecionar (mesmo nas escolas públicas) os melhores alunos, os que entendiam e aceitavam as regras do jogo escolar, e se subordinavam às nossas ordens e valores. Podíamos usar armas brutas – como a repetência e a exclusão – para escolher os alunos mais capazes e submissos. Agora, na escola compulsória, isto é, obrigatória para todos, esses recursos não são mais possíveis. Daí a complexidade e a necessidade de considerar os fatores que intervêm no processo, por isso não mais podemos dissociá-los ou reduzi-los aos elementos que nos interessam. Estamos preparados para isso? Não suficientemente, pois nossa comunicação em sala de aula está prenhe de dilemas (ver Capítulo 2), ou na rede complexa do sistema escolar estamos diante de encruzilhadas para as quais nossos saberes são insuficientes, muitas vezes, para nos decidir, sem conflitos, pelo melhor caminho em direção aos nossos propósitos de ensino. Temos medos, há coisas que não dizemos (ver Capítulo 3), para as quais fazemos vista grossa, mas que no cotidiano da escola reclamam tomadas de decisões, correr riscos, mobilizar recursos nem sempre disponíveis (dentro e fora de nós), rever esquemas, hábitos, atitudes, agora insuficientes para esses novos e complexos tempos de uma escola que se quer para todos, mas que não sabe incluir a todos.

Agir na urgência não é o mesmo que agir com urgência. Mais do que isso, necessitamos ter calma para esperar o melhor momento de intervenção ou julgamento. Ter malícia para interpretar as sutilezas dos indivíduos e os fragmentos de coisas que jamais podemos ver por inteiro ou imediatamente. Aprender a ficar calados, quando nossa fala não tem função comunicativa, persuasiva ou pedagógica. Reconhecer e ensinar limites de uma idéia de liberdade, em que o “faço o que quero” teima em se impor na sala de aula com a mesma ausência de critérios que muitas vezes manifesta em nossas casas ou nas ruas de nossa cidade. Agir na urgência é o desafio de realizarmos, na escola, o mesmo que fazem um bom pai: o desafio ou um cozinheiro: agem agora, não antes ou depois; agem de acordo com o preço, conforme as necessidades (isto é, rápido, lento, muito, poucas ou todas suas combinações), e determinado na direção daquilo que querem alcançar. Penso que sempre estivemos mais acostumados ao que, por importante, não rimava com urgência. Para nós, urgência significa imitação, pressa, afobação. Se a criança não aprendia, podia ficar retida na mesma série, até aprender ou ser excluída. Contudo, em um sistema

complexo, tudo é urgente no sentido de que age simultaneamente. Por isso, temos que fazer recortes, definir prioridades, correr riscos, integrar conhecimentos, sentimentos e compromissos. Urgência implica a idéia de aqui e agora é tudo do que dispomos para agir em benefício de nossos alunos. Urgência implica a idéia de que temos que valorizar o instante a fim de mobilizar nossos melhores recursos (saberes) em favor de metas ou propósitos educacionais. É certo que, depois, podemos retomar nossas decisões e refletir sobre elas, compartilhar soluções com nossos colegas, rever nossos erros, completar informações, compreender melhor os meios que utilizamos. Porém, nada disso elimina – nos termos de hoje – a idéia de que ensinar é agir na urgência.

DECIDIR NA INCERTEZA

O título deste novo livro de Perrenoud também nos surpreende pela idéia de que ensinar é decidir na incerteza. Por que decidir? Por que incerteza? Na forma anterior de escola, decidir era uma prerrogativa do professor; do coordenador pedagógico ou do diretor, ou seja, dos adultos, em favor do que deveria ser transmitido aos alunos. Essas decisões operavam, além disso, como certezas às quais estavam todos subordinados. Nas situações de ensino, em geral tratadas de maneira dissociada das situações de avaliação, os alunos não tinham muito o que decidir e, por extensão, trabalhavam em poucas situações de risco. Agora, quando ensinar e avaliar são termos complementares e interdependentes, os alunos também precisam aprender a tomar decisões, a mobilizar recursos e a ativar seus esquemas, isto é, a desenvolver competências, nos termos que Perrenoud as define.

O que significa tomar decisões no cotidiano da aula? Tomar decisões significa fazer escolhas, julgar, avaliar o que é melhor (em termos de nossas referências ou valores), correr riscos, utilizar conhecimentos ou informações como elementos importantes nesse processo, saber argumentar, enfrentar situações-problema, elaborar propostas, compreender fenômenos, enfim, participar como sujeito ativo em um sistema complexo. Saber tomar decisões implica desenvolver autonomia, ser responsável pelas ações e por suas consequências, levando em conta os limites do processo de desenvolvimento de nossos alunos. Antes, como sabemos, isso era negado às crianças e, se permitido, não nos termos em que hoje se espera que elas pratiquem.

Por que incerteza? Uma coisa é decidirmos em um contexto de certeza, de um certo controle dos resultados, por exemplo, decidirmos o presente em função de um passado conhecido, valorizado, experimentado, em que temos um maior controle das variáveis que regulam o processo de tomada de decisão. Outra coisa é decidirmos em um contexto no qual

controles já não são mais possíveis na mesma proporção, em um contexto no qual a interação entre os fatores em jogo resultam em coisas recorrentes, não-previsíveis, indeterminadas. Essa é uma outra dimensão da complexidade atual. O presente também é regulado por um futuro, todos os seus riscos e incertezas. Decidirmos em um contexto regular avanços tecnológicos em todos os domínios. Tecnologia que torna letivo um recurso ou um aparelho que mal acabamos de pagar ou de ensinar sua linguagem. Uma coisa é decidirmos em um contexto no qual somos de algumas coordenadas, pois os fatores em jogo provêm de fontes e interação de muitos modos. Não é assim, hoje, na escola? Tornar inclusiva e compulsória, reuniu alunos de origens e interesses diversos, alunos para quem a escola não faz muito sentido até por durante gerações seus familiares foram dela excluídos ou expulsos. Então, alunos que não se interessam em realizar as tarefas escolares, não gostam do trabalho escolar, que não reconhecem o lugar de seus professores nem legitimam seu trabalho. O mesmo podemos dizer de professores que se sentem mal pagos, despreparados, insatisfeitos e não-reconhecidos. Decidir na incerteza significa decidir em um contexto no qual os fatos são abertos tanto em seu sentido positivo como negativo. Significa decidir em um contexto parecido com o jogo: nele os objetivos, as regras, as peças e o tabuleiro são definidos, mas os resultados são indeterminados, porque o sucesso e a derrota não são decisíveis na véspera e, de já é tarde. Decidir na incerteza é saber mobilizar recursos, atualizar regras, tomar decisões no momento em que as coisas se realizam, sabendo que, às vezes, é no sutil ou no pequeno que algo grande se realiza.

R COM COMPETÊNCIA

Se hoje ensinar é agir na urgência e decidir na incerteza, ensinar, portanto, resultante disso, é igualmente agir com competência, ao menos nos termos em que Perrenoud a caracteriza. Já lembramos as principais características de sua definição: saber tomar decisão, mobilizar recursos e atitudes (revendo ou atualizando hábitos) em um contexto de complexidade. Tal complexidade é marcada por antagonismos, que se expressam, por exemplo, na dialética entre competência e competição, unidade e diversidade, dependência e autonomia, invariância e mudança, abertura e fechamento, harmonia e conflito, igualdade e diferença. Fiquemos, para isso, apenas no par competição e competência.

Competição e competência apresentam o mesmo radical *petere*, que significa pedir. Se considerarmos um trabalho ou realização em termos de resultados ou produtos, teremos um contexto de competição no qual os fatores em jogo disputam ou concorrem em favor do sucesso ou do fracasso da tarefa. Nessa perspectiva, os elementos ou as partes que com-

põem o sistema funcionam como adversários ou partes contrárias que se confrontam. Vivemos isso no cotidiano da sala de aula com todas as suas pressões, em que tudo é importante, “imperdível”, precisa ser feito e bem-feito no prazo definido e segundo os resultados esperados. Porém, se considerarmos um trabalho ou realização em termos de seu processo, de seu percurso, então o desafio é conjugar os fatores, reunirmos esforços, concentrarmos energia, encontrarmos disciplina e esforço em favor de algo que vale a pena. Precisamos agir com competência, no sentido de que muitas coisas são perdidas e devem ser congregadas em favor de uma realização. Nessa visão, a competência reflete o domínio do professor, sua capacidade de mobilizar recursos, rever hábitos, atualizar e criar procedimentos que favoreçam a realização de algo que vale a pena. Para isso, devemos tomar consciência e refletir sobre a qualidade de nossos meios e recursos, devemos lutar por algo melhor para todos os nossos alunos e para nossa realização enquanto profissionais que escolheram o magistério como sua forma de trabalho e da participação social.

Lino de Macedo

Vice-diretor do Instituto de Psicologia da USP